

RETIRO – ABRIL/2011
EU SOU A LUZ DO MUNDO
Jo 9,1-41



Ao Espírito Consolador

Vinde Santo Espírito Consolador,
enche nossa vida com vossa luz
para que sejamos testemunhas do Cristo crucificado e ressuscitado.

Vinde em meio a nós, e recordai-nos as palavras de Jesus.
Vinde em meio a nós, e inspirai-nos os pensamentos de Jesus.

Vinde Santo Espírito Consolador,
ensinai-nos, peregrinos no mundo,
gestos proféticos e palavras autênticas.
Ensinai-nos a oração e a ação,
e jamais uma separada da outra.

Vinde Santo Espírito Consolador,
dai-nos a graça de sermos servos de Deus e servos do próximo,
e nunca um sem o outro.

Inflamai nosso coração e nossa mente
com a doçura da caridade
e destruí em nós a separação e a divisão.

Vinde Santo Espírito Consolador,
vinde hoje e sempre em nossa existência,
fecunda com vossa força de vida
nossa esterelidade,
para que possamos gerar o Verbo de Deus
e, mais uma vez, seja doado ao mundo.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPLICAÇÃO

- O evangelho joanino resume em uma cena a grande temática da “reconciliação” através da categoria cristológica da “luz do mundo”: trata-se do milagre da cura do cego de nascença. Desde o prólogo afirma-se que “Deus é vida e luz” (Jo 1,4), e se descreve o contraste entre a luz e as trevas. Tal afirmação é retomada em todo o discurso da narração evangélica, que coloca os opositores de Jesus entre aqueles que representam as trevas. É clara a simbologia que fundamenta esta apresentação: o Filho de Deus revela ser a luz do mundo mediante o sinal (cósmico) no dom da visão para o cego de nascença e ao mesmo tempo coloca em evidência a gravidade do pecado e a exigência da reconciliação e da nova fé.

- A concentração dos verbos *ver/ conhecer*, torna esta passagem um texto programático da vida espiritual e da mensagem de conversão do coração. A história do cego de nascença, os personagens envolvidos e sobretudo o contraste entre a luz e as trevas permite compreender e interpretar a dimensão existencial do “pecado” e a força da “reconciliação”.

- A dinâmica narrativa do texto articula-se em alguns momentos: o encontro entre Jesus e o cego de nascença e a cura do cego (vv. 1-7); a discussão entre os vizinhos e conhecidos do cego curado (vv. 8-12); seguem-se três interrogatórios: os fariseus interrogam o cego curado (vv. 13-17); os «judeus» interrogam os pais (vv. 18-23) e de novo o homem curado (vv. 24-34). O texto conclue-se descrevendo o segundo encontro com Jesus, a resposta de fé do homem curado que se torna discípulo de Jesus e a admoestação aos fariseus (vv. 35-41).

- Todo o texto encerra-se na grande inclusão formada pela íntima ligação entre o «pecado» e a «cegueira». Em Jo 9,1s esta desgraça física é colocada pelos discípulos como dependência do pecado, enquanto em Jo 9,41 o Senhor evidencia como o pecado é fruto da incredulidade e da cegueira espiritual dos fariseus. Esta inclusão indica a mensagem principal de toda a perícopa: a cegueira física do homem é colocada em antítese com a cegueira espiritual dos judeus, assim enquanto o cego é curado e readquire a vista, os judeus, que pensam enxergar, são julgados cegos em sua cegueira espiritual, incapazes de «reconhecer» o dom de Deus.

- É importante observar a rotação narrativa dos protagonistas em torno de Jesus: inicialmente é Jesus que discute com seus discípulos (vv. 1-7), em seguida o cego curado e a multidão (vv. 8-12); a partir do v.13 aparecem os fariseus que interrogam ao cego e aos seus pais (vv. 13-34); enfim, descreve-se o encontro determinante entre Jesus e o cego e a condenação dos fariseus (vv. 35-41). O texto propõe simbolicamente a dinâmica da busca e do reconhecimento da obra de Deus mediante um discernimento gradual dos personagens (cego, genitores, multidão, leitores). O percurso conceitual se torna uma verdadeira e própria ação judicial. Esta tem início com a consideração jurídica do pecado segundo a ideia do princípio retribucionista/ legalista, explica-se na série de interrogatórios e no julgamento dos sinais ilegais realizados por Jesus, concluindo-se com a centralidade do ato de fé e do reconhecimento de Cristo «luz do mundo».

- A simbologia do sinal milagroso evidencia ulteriores mensagens teológicas: a ação de Cristo com a saliva e o barro (cf. o uso da saliva em Mc 7,33;8,23), enfatizada pelo evangelista umas quatro vezes, indica segundo a casuística hebraica, uma ação proibida nos dias festivos: Jesus cumpre um ato que contradiz a lei do repouso sabático. A ideia do logo poderia ter um valor simbólico em referência ao modelo da criação, aludindo assim à obra da «nova criação» que se cumpre com a encarnação do Filho de Deus. O termo *Siloé* significa «enviado» e assume no contexto um forte significado cristológico: Jesus é o enviado do Pai, no qual os cegos readquirem a vista, enquanto os que pensam ver ficam cegos em sua incredulidade. A partir dos questionamentos é possível constatar como o testemunho do cego curado é simples e linear, diferente de seus juízes, que frente ao fato incontestável de sua cura dividem-se e julgam «pecador» a Cristo, por ter violado o sábado.

- Antes, para o cego, Jesus era só um homem extraordinário. Mas, depois de ter sido renegado pelos pais temerosos e expulso da sinagoga, o cego curado torna-se discípulo e insinua o questionamento do discipulado entre os fariseus também (Jo 9,27). O cego curado, com sua gradual abertura à luz, confessa solenemente sua fé na origem divina do Mestre que lhe abriu os olhos. Não só «conhece» porque inicia a ver, mas existe um segundo passo decisivo: ele «reconhece» porque inicia a crer (Jo 9,38). Cristo, luz do mundo, ilumina o homem em seu pecado e o redime. A mensagem tem uma estreita relação com Jo 3 e o relativo tema do batismo.

NOTAS PARA A MEDITAÇÃO

- A primeira mensagem é dada pelo contraste entre a fé e a incredulidade. A fé consiste em um processo de iluminação que nasce do coração do homem, enquanto a incredulidade traz a imagem de uma situação de «cegueira» e de trevas em que se encontra o ser humano que não acolhe a luz. O texto joanino mostra através de seu dinamismo interno a obstinação dos fariseus, que se consideravam videntes e guias do povo de Deus, mesmo vivendo nas trevas da descrença. Agora, esta cegueira não é reservada somente aos fariseus, mas se estende ao homem de todos os tempos, cegos pela moda e falsas sabedorias, incapazes de abrirem-se frente ao mistério de Deus.

- Procuremos entender um tema comum da reflexão humana: o valor teológico da doença, o problema do sentido do sofrimento e o lugar do princípio da retribuição. Jesus não oferece uma solução definitiva à pergunta de seus discípulos, mas indica uma estrada nova: na vida de cada homem realiza-se a manifestação da obra de Deus. A história do cego curado pode ser interpretada também sob o aspecto da busca de identidade. O sinal da visão implica uma necessidade de identidade, pedida por todos os intervenientes na cena: discípulos, pessoas, pais, fariseus.

- A descrição narrativa dos termos que indicam o campo visual alude a outro aspecto: a capacidade de discernimento, de julgamento e de escolha de vida. Neste sentido a passagem joanina resulta eficaz em evidenciar a importância do discernimento que deve nascer de uma real exigência de busca e de um confronto pessoal e existencial. O *ver* é, antes de tudo, um «ver dentro» de si, ler a própria história à luz de um encontro decisivo, chegar a um parecer que deve envolver «a si mesmo», a própria vida, passado e presente.

- Um elemento decisivo é constituído pela utilização da categoria de pecado/pecador. O texto de Jo 9 relaciona a imagem da cegueira com o tema do pecado (αμαρτια) e da revelação de Deus. A pergunta sobre o sentido do pecado relacionado à cegueira encontra na história de fé do homem curado uma resposta: é Jesus quem liberta o homem do pecado e o faz voltar à vida plena e luminosa, enquanto a lei permanece ineficaz para a salvação do homem e se transforma em instrumento de acusação e condenação para os fariseus.

- O sinal cristológico da “luz” revela a riqueza das motivações pedagógicas do texto. Ser chamados a “viver com todo o ser” o encontro com Cristo requer um empenho em conhecer-se e deixar-se iluminar pela Luz de Deus. Para os fiéis trata-se de um forte apelo à responsabilidade do discernimento e da verdade, necessário, sobretudo no contexto problemático da realidade hodierna da comunicação. A referência ao sacramento da reconciliação, sempre mais necessária para o caminho da procura e do acompanhamento, exige da parte de cada pessoa uma retomada de consciência em superar concepções formalistas e assumir a responsabilidade do empenho em redescobrir e saber viver o encontro com o Deus misericordioso que ilumina a vida e a estrada dos homens. Seja a dimensão pessoal ou a comunitária da vida cristã, resultam essencialmente vocacionais. A revelação da luz que brilha nas trevas (Jo 1,5) nunca é indiferente para o homem, que é chamado a tomar posições frente ao Cristo.

ALGUNS QUESTIONAMENTOS PARA A REFLEXÃO

- A cena nos faz entrar no símbolo da cegueira e da noite: o cego de Jerusalém é imagem do homem que sofre na solidão e na indigência. É a imagem do homem do nosso tempo. Quais são os sinais de cegueira no mundo contemporâneo?

- A cura física precisa de um caminho de busca. O cego começa seu caminho e é provado. Quais são as provas de sua vida?

- O cego curado testemunha a verdade da obra de Deus em sua existência. Somos capazes de dar testemunho mesmo pagando de pessoa?

Salmo 34

²Bendirei o SENHOR em todo tempo, seu louvor estará sempre na minha boca. ³Eu me glorio no SENHOR, ouçam os humildes e se alegrem. ⁴Celebrai comigo o SENHOR, exaltemos juntos o seu nome. ⁵Busquei o SENHOR e ele respondeu-me e de todo temor me livrou. ⁶Olhai para ele e ficareis radiantes, vossas faces não ficarão envergonhadas. ⁷Este pobre pediu socorro e o SENHOR o ouviu, livrou-o de suas angústias todas.

